

## A arqueologia da África Central através dos periódicos científicos

Agatha Rodrigues da Silva\*

SILVA, A.R. A arqueologia da África Central através dos periódicos científicos. *Revisita do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 165-169, 2011.

Propomos analisar as especificidades da arqueologia da África central através de uma seleção de editoriais e artigos que tratem da produção e disseminação do conhecimento arqueológico sobre essa região. A abordagem dos periódicos de arqueologia africana, enquanto fontes documentais da história da arqueologia centro-africana, decorre das discussões atuais sobre a atuação política e social dos arqueólogos na construção do passado do continente após os processos de independência do século XX.

**Palavras-chave:** África central – Arqueologia – Periódicos científicos.

Os países pertencentes à África central são Angola, a República Democrática do Congo, Camarões, o Gabão, a República Centro Africana, a República do Congo e a Guiné Equatorial. Para alguns estudiosos, o que dá unidade à África central é o processo histórico das migrações dos povos de línguas bantu a partir do ano 500 a.C., dispersando-se do território hoje conhecido como Camarões em direção ao sul do continente. A partir destas migrações considera-se que ocorreu a difusão das práticas dos assentamentos, da metalurgia, da cerâmica e da agricultura na África subsaariana (Vansina 1999: 10; Phillipson 2005: 201).

Phillipson (2005: 184) destaca atualmente o uso de outras fontes sobre o passado, tais como a análise das tradições orais relacionadas às memórias dos reinos que ali se constituíram, o estudo das línguas e dos objetos e dos vestígios de tecnologias ligados ao status social no grupo. Segundo Phillipson (2005: 2) e Connah (2001:

264), houve uma concentração de pesquisas arqueológicas nas regiões onde existiram grandes estruturas urbanas antigas como o Norte da África e o Egito, o Mali, a Nigéria na África Ocidental, o Grande Zimbábue no sul do continente ou ao Vale do Nilo. Isso indica que a África central ainda não é bem conhecida arqueologicamente.

De acordo com a análise da trajetória da pesquisa arqueológica na África central feita por Pierre De Maret, houve, a partir da Convenção de Berlim em que se deu a chamada “Partilha da África” entre as potências européias na década de 1880, a dispersão do esforço da pesquisa arqueológica entre diferentes países e a restrição da publicação dos resultados das pesquisas em periódicos ou revistas de circulação limitada (De Maret 1990: 109). Isso poderia explicar a percepção de poucas pesquisas arqueológicas realizadas na região durante o período colonial. Segundo Robertshaw (1990: 8), os periódicos de Arqueologia Africana que surgiram no século XX, a maioria durante o Neocolonialismo, foram: *South African Journal of Science* (início do século XX), *Bulletin de l'IFAN* (1939), *The*

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Mestranda em Arqueologia. <agatha.silva@usp.br>



*South African Archaeological Bulletin* (1945), *Kush* (1953), *Libyca* (1953), *Azania* (1966), *West African Journal of Archaeology* (1971), *African Archaeological Review* (1983). A importância de conhecer os discursos arqueológicos disseminados nos periódicos está na compreensão que os arqueólogos que desenvolveram suas pesquisas na África tinham sobre o continente. Além disso, consideramos importante analisar o pensamento arqueológico antes, durante e depois da colonização e como, ao longo da história, se deu o reconhecimento dos próprios africanos na pesquisa desenvolvida na África.

Com base nas leituras de Limb (2005), Smart (2005), Teferra (2004) e Robertshaw (1994), percebemos que o conhecimento científico produzido na África, por africanos, é pouco conhecido na comunidade científica internacional. Isto se deve, em parte, aos problemas que atingem diversas regiões africanas, como as guerras civis

que restringem as comunicações e a distribuição de material impresso, as interrupções nas telecomunicações e no abastecimento energético, o baixo investimento dos governos africanos em desenvolvimento científico e tecnológico devido às crises econômicas, à fuga de cérebros e ao aumento dos custos das assinaturas de revistas científicas.

Com base em De Maret (1990), destacamos as fases da arqueologia da África central que contextualizam o surgimento dos periódicos selecionados para o estudo do mestrado.

A primeira fase, entre a segunda metade do século XIX e a Primeira Guerra Mundial, é caracterizada pelas teorias evolucionistas. A segunda fase engloba o período entre-guerras, tendo sido marcada pela tentativa de situar a pré-história da África central face a da Europa e uma crescente profissionalização da pesquisa arqueológica com o financiamento por parte dos governos francês e belga (De Maret 1990: 122).

A terceira fase, apontada pelo autor, abrange o período compreendido entre a Segunda Guerra Mundial e a independência dos países africanos. Segundo Robertshaw (1990), houve um grande desenvolvimento no campo da arqueologia devido ao aperfeiçoamento dos métodos de datação através do radiocarbono, da importância que passam a ter os estudos de adaptação dos seres humanos ao meio ambiente e o interesse pela arqueologia de um passado mais recente. A quarta fase da história da arqueologia africana, segundo De Maret (1990: 131), refere-se ao período pós-independência marcado por governos independentes.

A nossa pesquisa inicialmente concentrou-se, nessa última fase, com o levantamento dos artigos e dos editoriais referentes à África central, publicados entre 1983 e 2010, dos periódicos *African Archaeological Review*, *African Arts* e *The South African Archaeological Bulletin*. O procedimento resultou em um levantamento de 212 editoriais e artigos de pesquisa. A primeira ação foi verificar a que país e a qual instituição acadêmica o autor estava vinculado na data de publicação do artigo. Daí resulta que os Estados Unidos apresentam 91 autores, a África do Sul apresenta 43, a Grã-Bretanha, 9, a Alemanha, 7 e a Bélgica, 6 autores. Ressaltamos que alguns autores aparecem mais de uma vez no levantamento.

Esse diagnóstico nos estimula a investigar o “lugar de onde o autor está falando” O alto número de artigos publicados por arqueólogos norte-americanos, por exemplo, nos leva a indagar quais as correntes teóricas mais disseminadas. Na verdade, tudo isso nos instiga a refletir sobre a lenta inserção das pesquisas produzidas por africanos em periódicos internacionais, sobre as prioridades dos investimentos em pesquisa arqueológica e sobre o ensino de Arqueologia nas regiões africanas pesquisadas.

Com base no levantamento de artigos, detectamos uma quantidade pequena, mas crescente de pesquisadores que estão vinculados às instituições de pesquisa do continente africano. A análise pormenorizada dos critérios para a publicação dos artigos nos periódicos pode sugerir uma das limitações na acessibilidade e na visibilidade do trabalho dos arqueólogos africanos e responsável pela pouca participação nestas publicações oriundas dos centros produtores de conhecimento nos Estados Unidos e Europa.

O procedimento de análise documental foi desenvolvido também para identificar inicialmente os assuntos mais abordados nos editoriais e artigos de pesquisa e sua classificação foi baseada na metodologia desenvolvida por Dyson (1985: 453). Nós utilizamos 40 categorias de diferentes de assuntos para identificá-los, foram definidos a partir da leitura dos títulos dos artigos, dos resumos e dos primeiros parágrafos quando o texto não tinha resumo. O levantamento dos 212 editoriais e artigos de pesquisa indica que há concentrações de estudos, alguns dos quais foram elencados, conforme segue:

- as especificidades da pesquisa arqueológica na África, suas correntes teóricas e sua história somam 28 estudos, agrupados no assunto Teoria Arqueológica;

- reflexões sobre a trajetória do periódico e as alterações no corpo editorial são 25 estudos que em sua maioria é de editorial, agrupados no assunto Publicação;

- os relatos sobre reuniões de arqueólogos ou estudiosos associados de cultura material africana foram agrupados no assunto Associação e somam 23 estudos;

- reflexões sobre os caminhos e os descaminhos da administração e preservação do patrimônio arqueológico monumental ou em coleções de museus perfazem 20 estudos agrupados no assunto Gestão Patrimonial;

- artigos sobre pesquisas mais abrangentes sobre África central e a expansão dos povos de língua bantu somaram 16.

- 12 artigos sobre pesquisas realizadas no território da República Democrática do Congo, identificados por este assunto.

- 9 artigos sobre pesquisas realizadas no território de Camarões, identificados por este assunto;

- artigos sobre pesquisas realizadas em Angola, Gabão, República do Congo somaram 8 artigos.

- Não foram localizados artigos sobre pesquisas realizadas na Guiné Equatorial e na República Centro Africana.

Ao somarmos os editoriais, textos de abertura e de apresentação do periódico e artigos de pesquisas originais dos três periódicos, observamos uma concentração de textos sobre a cerâmica da República Democrática do Congo (12), Camarões (9) e Gabão (4), o que corresponde ao que observou De Maret (1990: 132) a respeito da

concentração de pesquisas arqueológicas nesses territórios da África central, particularmente Camarões e na República Democrática do Congo, desde meados do século XX.

A concentração de pesquisas sobre cerâmica africana dos países centro-africanos citados pode indicar, no caso da República Democrática do Congo, o papel importante do Museu Real da África central em Tervuren, Bélgica que, desde 1898, coleta e sistematiza os artefatos e divulga o conhecimento arqueológico sobre a antiga região do Congo Belga. No caso de Camarões e Gabão, a concentração de pesquisas pode indicar a predominância dos estudos difusionistas sobre a origem dos povos de língua bantu. Isso corresponderia ao que observou Cornevin (1998: 19) sobre a persistência da explicação difusionista em vários estudos de cultura material do continente africano.

Com base na leitura de Robertshaw (1990), consideramos que o estudo da História da Arqueologia Africana, inclui a necessidade de analisar as mudanças na disciplina arqueológica e no meio social em que a Arqueologia está inserida. Para o autor, o contexto histórico da África subsaariana na segunda metade do século XX foi marcado pelo Colonialismo e pelo Nacionalismo que geraram climas propícios para influenciar as orientações teóricas e os métodos das pesquisas arqueológicas sobre a África (Robertshaw 1990: 10).

As divisões temporais originadas no contexto ideológico do evolucionismo, bem como, as explicações difusionistas parecem influenciar atualmente as discussões e as nomenclaturas adotadas na pesquisa arqueológica africana conforme observamos na análise preliminar do *corpus* documental. Os modelos explicativos baseados no difusionismo são importantes para entender algumas das características dos povos da África Central mencionadas nas pesquisas. Nesses modelos explicativos os povos atuais são resultado da migração dos povos de língua bantu que, a partir do atual território de Camarões, difundiram as tecnologias da metalurgia, agricultura e cerâmica entre os povos nativos.

Detectamos continuidades nos assuntos abordados elencados no *corpus* documental. Essas continuidades de modelos explicativos na Arqueologia Africana ocorrem paradoxalmente no momento histórico atual e dentro do pensamento arqueológico “pós-pós processualista” em que existe a diversidade de propostas teóricas, como a Arqueologia Interpretativa ou Reflexiva e da Arqueologia Pública ou Comunitária (Hodder 2003: 55) e as redes eletrônicas consolidadas para disseminar novos modelos explicativos.

Com este estudo diagnóstico visamos colaborar com a construção e disseminação do conhecimento arqueológico desta região africana que ainda não é bem conhecida.

SILVA, A.R. Central Africa archaeology through scientific journals. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 165-169, 2011.

**Abstract:** We propose to analyze the specificities of Central Africa archaeology through an editorials and articles selection with reference to the production and dissemination of archaeological knowledge about this region. The approach of African archaeology journals as sources to the Central Africa archaeological history results from the current discussions on the political and social role of archaeologists in building the continent's past after the process of independence in the 20<sup>th</sup> century.

**Keywords:** Central Africa – Archaeology – Scientific journals.

### Referências bibliográficas

- CONNAH, G.  
2001 *African civilizations: an archaeological perspective*. 2.ed. Cambridge; Cambridge University Press.
- CORNEVIN, M.  
1998 *Secrets du continent noir révélés par l'archéologie*. Paris : Maison Neuve et Larousse.
- DE MARET, P.  
1990 Phases and facies in the archaeology of Central Africa. In: Robertshaw, P. (Ed.) *A History of African Archaeology*. London: James Currey: 109-134.
- DYSON, S.L.  
1985 Two paths to the past: a comparative study of the last fifty years of American Antiquity and the American Journal of Archaeology. *American Antiquity*, 50 (2): 452-463.
- HODDER, I.  
2003 Archaeological reflexivity and the local voice. *Anthropological Quarterly*, 76 (1): 55-69.
- LIMB, P.  
2005 The digitization of Africa In *Africa Today*, 52 (2): 03-19.
- PHILLIPSON, D.W.  
2005 *African Archaeology*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- ROBERTSHAW, P.  
1990 Introduction. In: Robertshaw, P. (Ed.) *A History of African Archaeology*. London, James Currey: 3-12.  
1994 Archaeological survey, ceramic analysis, and state formation in western Uganda. *African Archaeological Review*, 12 (10): 105-131.
- SMART, P.  
2005 Increasing the visibility of published research: African Journal Online. *Africa Today*, 52 (2): 39-53.
- TEFERRA, D.  
2004 Striving at the periphery, craving for the centre: the realm of african scholarly communication in the digital age. *Journal of Scholarly Publishing*, 35 (3): 159-171.
- VANSINA, J.  
1999 Introduction. In: *Art History in Africa: an introduction to method*. 8.ed. New York, Longman: 1-20.